

A percepção dos estudantes e professores sobre a extensão comunitária: um estudo de uma universidade comunitária

Students' and professors' perception about community-institutional relations: a community university study

Ana Paula Pereira dos Passos¹
Vanderléia Martins Lohn²

RESUMO

Os projetos de extensão comunitária viabilizam a relação transformadora entre Universidade e sociedade e contribuem para a formação integral dos estudantes, pois permitem a reflexão sobre as conjunturas sociais, a relação com as teorias aprendidas em sala e a construção de novos conhecimentos. Este estudo teve como objetivo analisar a extensão comunitária desenvolvida em uma universidade comunitária sob a percepção dos estudantes e professores que atuam nos projetos de extensão. Para tanto, realizou-se um levantamento, quantitativo, com caráter descritivo, cujos dados foram coletados por meio de questionários. Os resultados demonstraram que os projetos de extensão da universidade apresentam-se consoantes às diretrizes da extensão comunitária definidas pelo Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Percebeu-se, nos projetos, indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão; interdisciplinaridade; interação dialógica; transformação social e impactos na formação dos estudantes. Entretanto, os estudantes identificaram dificuldades na obtenção de informações sobre as práticas extensionistas e os meios de comunicação da universidade foram considerados insuficientes. Espera-se que essa análise da percepção dos estudantes e professores contribua para a literatura de extensão comunitária e estimule a práxis extensionista no ensino e na pesquisa.

Palavras-chave: Extensão comunitária. Estudantes. Professores. Universidades.

ABSTRACT

Community-institutional relations projects enable the transformative relationship between University and society and contribute to the integral formation of students, as they allow the reflection of social circumstances, the relationship with theories learned in class and the construction of new knowledge. This study aimed to analyze the community-institutional relations developed at a community university under the perception of students and teachers who work in community-institutional relations projects. Therefore, a quantitative, descriptive survey was carried out, its data were collected through questionnaires. The results showed that the community-institutional relations projects are in accordance with the community-institutional relations guidelines defined by the Forum of Extension Pro-rectors of Public Institutions of Brazilian Higher Education. In the projects, the inseparability of teaching, research and community-institutional relations; interdisciplinarity; dialogic interaction; social transformation and impacts on the training of students was noticed. However, the students identified difficulties in obtaining information about extension practices and the university's

¹ Doutoranda em Administração na Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brasil; tutora externa no curso de Administração do Centro Universitário Leonardo da Vinci, Santa Catarina, Brasil (passosapp@gmail.com).

² Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; professora titular da Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina, Brasil (vandalohn@univali.br).

means of communication were considered insufficient. It is expected that the analysis regarding students and teachers contribute to the community-institutional relations literature and stimulate the extensionist praxis in teaching and research.

Keywords: Community-institutional relations. Students. Teachers. Universities.

INTRODUÇÃO

As Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras passaram por diferentes questionamentos quanto à sua função na sociedade contemporânea, mais especificamente sobre o seu papel no desenvolvimento da comunidade em que se inserem (FLORIANO *et al.*, 2017). Em várias universidades, esse diálogo apresentou-se em projetos de extensão, um tipo de prática extensionista que é uma oportunidade de interação das IES com o meio, em que o conhecimento produzido interage e é difundido (TORRES JÚNIOR; SILVEIRA, 2016). As práticas extensionistas, incluindo os projetos, recentemente experienciaram correntes que estimulam sua institucionalização e seu fortalecimento nas IES (RIBEIRO; PONTES; SILVA, 2017), principalmente advindas das instituições públicas e dos atores universitários.

Há diversas concepções teóricas e práticas extensionistas. Neste estudo, entende-se que a extensão tem como objetivo a condução de um processo educativo, cultural, científico e tecnológico articulado ao ensino e à pesquisa de maneira a construir uma relação transformadora entre universidade e sociedade (COSTA; BAIOTTO; GARCES, 2013; MELO NETO, 2001). As universidades são ancoradas sobre os pilares ensino, pesquisa e extensão, os quais, de modo indissociável, propiciam a formação integral dos estudantes, a relação entre teoria e prática e a troca dos saberes acadêmicos com os populares (ALMEIDA; SÁ, 2013). O ensino é entendido por muitos como a atividade principal das universidades, pois em sua origem o ensinar foi a razão de sua existência. Já a atividade de pesquisa desenvolveu-se a partir do século XIX e apresenta-se mais evidente nos programas de pós-graduação. Por fim, a extensão, cronologicamente, foi a última a incorporar-se nas funções universitárias (SILVA *et al.*, 2014).

Os autores têm discutido a falta de dedicação à extensão em comparação ao ensino e à pesquisa. Por exemplo, na compreensão de Silva e Vasconcelos (2006), a pesquisa e o ensino têm sido alvo de inúmeros debates que produziram elaborados sistemas de avaliação da produção científica e da qualidade dos cursos. Por outro lado, a extensão não recebeu a mesma ênfase, nem sofreu as transformações necessárias em ritmo e intensidade para acompanhar a evolução do ensino superior. Nunes e Silva (2011) relatam que os órgãos de

financiamento e gestão do ensino e da ciência concentram atenção insuficiente nas práticas extensionistas. Silva (2013) ressalta que a extensão não tem seu lugar declarado no meio acadêmico e que suas práticas não compreendem os segmentos sociais de forma abrangente. Naves (2015) afirma que os recursos financeiros destinados aos projetos de extensão são escassos e os espaços destinados a essa prática nos eventos científicos são restritos e por isso a atividade não se apresenta consolidada. Assim, considerando esses estudos, faz-se necessário um novo olhar para a extensão dentro da universidade e de ações que propiciem a consciência dos atores universitários e não universitários sobre as práticas extensionistas.

Encontros nacionais, regionais e locais nas IES públicas, privadas e comunitárias têm discutido sobre a extensão e destacado que a análise dessas práticas constitui um avanço, ao possibilitar a valorização e a institucionalização da atividade (BARTNIK; SILVA, 2009). Estudos anteriores nacionais e internacionais também discorrem sobre a importância do tema e demonstram a carência quanto às análises das práticas extensionistas pela percepção dos atores universitários envolvidos, de forma conjunta, por exemplo, Arroyo e Rocha (2010); Ortiz-Riaga e Morales-Rubiano (2011); Barbosa (2012); Ordaz Hernández (2013); Collado, Oliveira e Carneiro (2014); Naves (2015); Sanabria-Rangel, Morales-Rubiano e Ortiz-Riaga (2015); Fuentes (2016); Floriano *et al.* (2017); e Ribeiro, Pontes e Silva (2017).

Arroyo e Rocha (2010), Santos (2012) e Barbosa (2012) evidenciam que se faz necessário o aprofundamento de diferentes abordagens, métodos de implantação e de análise, da extensão, com o envolvimento e engajamento dos atores do processo, visto que são os mais aptos a perceberem as transformações efetivas no contexto. Naves (2015) ressalta que é relevante discutir sobre as práticas extensionistas para preencher lacunas na literatura e estimular a práxis extensionista nas universidades brasileiras. Ribeiro, Pontes e Silva (2017) propõem a introdução da extensão no centro do debate epistemológico para a ampliação da discussão do seu papel transformador na relação entre universidade e sociedade. Destaca-se ainda que a atividade de extensão comunitária oportuniza interações entre sujeitos de diferentes setores da sociedade, democratização do conhecimento e construção de novos saberes e de novas experiências (CARVALHO *et al.*, 2016), o que contribui para mudanças sociais e para a formação de estudantes críticos e participativos (GÁMEZ, 2015). Assim, pensar a extensão comunitária pressupõe a compreensão e indagação das próprias funções da universidade, pois contempla questões pedagógicas, curriculares, de produção e acesso ao conhecimento e a seus produtos (NUNES; SILVA, 2011).

Diante das considerações tecidas é notório que as práticas extensionistas requerem contextualização, incumbindo aos atores universitários – estudantes e professores – a análise

do seu desenvolvimento nas IES. Assim, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a extensão comunitária desenvolvida em uma universidade comunitária sob a percepção dos estudantes e professores que atuam nos projetos de extensão. Espera-se que essa reflexão a partir do foco de análise dos estudantes e professores contribua para os estudos sobre extensão comunitária e estimule a práxis extensionista no ensino e na pesquisa.

Extensão comunitária brasileira

A extensão comunitária no Brasil começou a tomar forma em 1930, como uma resposta às demandas externas, com a participação de três atores principais: os estudantes, por meio do Movimento Estudantil; o Estado, representado pelo MEC; e as IES (SOUSA, 2010). A atividade estabeleceu-se, em 1931, com a promulgação do Primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras e o Decreto nº 19.851/31, art. 42 (BRASIL, 1931), no qual se lê que “a extensão universitária será efetivada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário”. Tal afirmação ilustra a vinculação da extensão à prestação de serviços e a popularização do conhecimento (FREIRE, 2011). Desde o início, sua finalidade direciona-se a tornar a universidade útil para a sociedade.

A consolidação da extensão deu-se, paulatinamente, por meio de seminários estudantis; criação de projetos que promoveram assistência às comunidades rurais e/ou locais, como o Projeto Rondon, os *Campi* Avançados e os Centros Rurais Universitários de Treinamento e Ação Comunitária (GURGEL, 1986; SOUSA, 1995); criação de fóruns, como o Fórum de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), o Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias (ForExt), e o Fórum de Pró-reitores das Universidades Particulares Brasileiras (MATOS, 2004; SOUZA, 2013); introdução da atividade no Plano Nacional de Educação (PNE); criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), entre outros feitos (BRASIL, 2001). Essas iniciativas propiciaram a constituição da extensão como um elo fundamental na formação dos estudantes, na produção de conhecimento dentro da universidade e na transformação social.

Nesse sentido, pensar a extensão pressupõe o processo de formação universitária embasada em uma pedagogia crítica e reflexiva, em que se desenvolvem novos conhecimentos a partir da compreensão do contexto social no qual se está inserido, assumindo a interface entre o saber acadêmico e popular, que constrói uma relação de criticidade e de troca de experiências, na qual os estudantes e professores são os sujeitos que fazem e refazem

a história (CRUZ *et al.*, 2011). As IES praticam o saber acadêmico na sociedade e retornam com aprendizados daquele contexto social. Em contrapartida, na comunidade ocorrem mudanças sociais advindas do acesso ao saber acadêmico e da participação nas IES (SILVA *et al.*, 2014). Trata-se de uma espécie de ponte permanente entre universidade e sociedade, que promove o desenvolvimento contínuo, realimentando esse fazer (MELO NETO, 2001).

A extensão consiste em um processo educativo, cultural e científico, que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e que viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade (COSTA; BAIOTTO; GARCES, 2013; MELO NETO, 2001). Também pode ser compreendida como um espaço de prática social e de aprendizagem (SANTOS, 2012), em que os estudantes, inseridos no contexto social, desenvolvam percepções mais sistêmicas e articuladas da construção do conhecimento (GONZATTI; DULLIUS; QUARTIERI, 2013). Esses estudantes são mobilizados a ampliar o conhecimento nas práticas, gerando novos objetos de pesquisa (COSTA-RENDERS; SILVA, 2013), bem como são estimulados a praticar o que aprenderam e perceber que as teorias transmitidas em sala se concretizam no contexto social (VELLOSO *et al.*, 2016).

As práticas extensionistas têm um caráter interdisciplinar e multidisciplinar em que os sujeitos universitários analisam a realidade social e procuram soluções para os problemas, o que promove diferentes experiências educativas, motivando os estudantes a procurar novas possibilidades de atuação (FELIPPE *et al.*, 2013; SÍVERES, 2013). Essas práticas constituem-se de questões tão diversas que contribuem para a formação de um profissional integrado, flexível e comprometido com o social (FUENTES, 2016). Assim, os projetos de extensão proporcionam vantagens tanto às IES quanto aos estudantes, pois viabilizam o alcance das missões institucionais e a formação profissional e cidadã.

Nessa linha, considerando a relevância da atividade de extensão no Brasil, para orientar e alinhar as universidades, em 2012 foram estabelecidas cinco diretrizes a partir da Política Nacional de Educação, para formulação e implementação das práticas extensionistas, a saber: Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do Discente, e Impacto e Transformação Social. A primeira diretriz, Interação Dialógica, compreende a prática de ações por meio de parcerias intersetoriais, diálogo contínuo entre universidade e sociedade, democratização do saber e participação ativa dos atores universitários e não universitários (FORPROEX, 2012). A segunda, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, propõe a articulação de saberes de diferentes áreas do conhecimento (SOUSA; BASTOS, 2016), que propiciem um aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes pela aproximação entre

saber acadêmico e popular e a compreensão mais crítica dos saberes teóricos aprendidos em sala com vivências sociais (SANTOS, 2012; VELLOSO *et al.*, 2016).

Em sequência, a terceira diretriz, Indissociabilidade, baseia-se na razão de ser da universidade, vincula-se ao histórico de aspirações e projetos nacionais de educação (CESAR, 2013), e trata-se de um processo de relações entre teoria e prática essencial na aprendizagem (DIAS, 2009; RAYS, 2003), que constitui um ciclo dinâmico do ensino, pesquisa e extensão (SANTOS, 2012). A quarta diretriz, Impacto na Formação do Discente, caracteriza-se pelas aprendizagens oriundas da participação na extensão, que permite o desenvolvimento da consciência crítica, aprofundamento de conhecimentos teóricos e o pensar estrategicamente para a transformação social (SANTOS, 2012). Essas experiências refletem o exercício profissional e preparam os estudantes para a realidade social, retratando a complexidade das questões sociais, políticas e econômicas do seu campo (ALMEIDA; SÁ, 2013). Por fim, a quinta diretriz, Impacto e Transformação Social, expressa que as IES são responsáveis pelo desenvolvimento econômico, político, social e cultural (ORDAZ HERNÁNDEZ, 2013), e que por meio da extensão cumprem essa missão, respondendo às demandas sociais e propiciando a integração com a comunidade em um processo contínuo e educativo (GÁMEZ, 2015).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse artigo consistiu em uma pesquisa quantitativa com caráter descritivo. Na coleta dos dados foi realizado um levantamento por meio da aplicação de dois instrumentos distintos baseados no questionário de Barbosa (2012), um destinado aos estudantes que atuam nos projetos de extensão da universidade estudada (com 40 questões) e o outro destinado aos professores que atuam como coordenadores (com 37 questões). Para fins dessa pesquisa, as questões do questionário de Barbosa (2012) elaboradas para avaliar a percepção dos estudantes quanto ao desenvolvimento da extensão comunitária foram reescritas para avaliar a percepção também dos professores, com o intuito de efetuação de análises conjuntas. Ou seja, as questões dos dois questionários estão alinhadas quanto ao conteúdo para possibilitar o cruzamento de informações e assim avaliar pontos de vista de aplicabilidade do conteúdo de extensão e a percepção do estudante e do professor perante o que se observa na comunidade e/ou projeto de extensão. Essas questões são fechadas, de natureza numérica e mensuradas na escala de *Likert* de quatro pontos (não, nunca; pouco, às vezes; frequentemente; sim, sempre).

Foram realizadas adaptações considerando as características da universidade estudada. Foram suprimidos os construtos “integralização curricular” e “seleção e contribuições das

bolsas de extensão” em razão da instituição não computar a participação em projetos de extensão para fins de integralização curricular e não ter um regulamento padrão quanto ao processo de seleção dos bolsistas. Os demais construtos presentes no questionário foram mantidos: “acesso e participação”, “comunicação e informação”, “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”, “impacto e transformação social”, “interdisciplinaridade” e “interação dialógica”. Entretanto, tendo em conta essas adaptações, os questionários foram revalidados, mais especificamente efetuou-se uma validação de lógica e conteúdo por um integrante da equipe do setor de extensão da universidade estudada e uma validação de face com a aplicação do instrumento, em dois momentos, com 20 estudantes e professores de diferentes cursos e campi para avaliar o entendimento e a clareza das questões, os possíveis entraves no preenchimento e o tempo utilizado para preenchimento.

A população da pesquisa foi constituída por 337 estudantes que atuam nos projetos de extensão de uma universidade comunitária e 63 professores que atuam como coordenadores desses projetos. Os dados foram coletados em uma única ocasião, consistindo em uma pesquisa de corte transversal quanto à dimensão tempo (COOPER; SCHINDLER, 2003). Na coleta dos dados, definiu-se o emprego da amostragem não probabilística intencional, o questionário foi enviado via *Google* Formulários. A amostra constituiu-se dos estudantes e dos professores que estavam disponíveis para responder, com uma taxa de resposta de 57,57% dos estudantes (194 respondentes) e 98,41% dos professores (62 respondentes).

A confiabilidade dos instrumentos foi testada no pré-teste e na aplicação final dos questionários por meio do coeficiente de *Alfa-Cronbach*. Os coeficientes foram superiores a 70%, assim, entende-se que os instrumentos são confiáveis (MARTINS; THEÓPHILO, 2009). Em específico, identificou-se um coeficiente de 93% no questionário destinado aos estudantes e 92% no questionário destinado aos professores. Para a análise dos dados, realizou-se a tabulação no *software Microsoft Excel®* e, posteriormente, os dados foram importados para o *software Statistical Package for the Social Science (SPSS)*, destacando-se que se empregaram métodos univariados, como frequência, média e desvio-padrão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa, abordando a caracterização dos estudantes e professores no primeiro tópico e a análise descritiva dos construtos no subsequente: i) Acesso e Participação; ii) Comunicação e Informação; iii) Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão; iv) Impacto e Transformação Social; v) Interdisciplinaridade e

Interprofissionalidade; vi) Interação Dialógica; vii) Impacto na Formação do Discente; e viii) Orientação e Acompanhamento.

Caracterização dos estudantes e professores

Os estudantes que atuam nos projetos de extensão concentram-se na faixa etária de 17 a 25 anos (82,99%), em sua maioria são do sexo feminino (72,16%) e solteiros (86,60%). No que tange ao curso, identificou-se 41 cursos distintos que representam 70% dos cursos vigentes na IES estudada, demonstrando uma ampla difusão dos projetos de extensão na universidade. As áreas do conhecimento com maior representatividade foram de Ciências Sociais Aplicadas, com 40% (77 respondentes), Ciências da Saúde, com 22% (43 respondentes) e Ciências Humanas, com 13% (25 respondentes).

Sobre os professores, a maioria é do sexo feminino (67,74%), porém na IES estudada há predominância de professores do sexo masculino. Sendo assim, pode-se inferir um destaque das mulheres na coordenação dos projetos de extensão nessa IES. Quanto à formação dos professores, verificou-se uma ampla variedade, indicando que não se trata de um fator que influencia a prática extensionista na IES. As áreas do conhecimento que se destacaram foram Ciências da Saúde, com 26% (16 respondentes), Ciências Sociais Aplicadas, com 23% (14 respondentes) e Ciências Humanas, com 23% (14 respondentes).

Análise descritiva dos construtos

No construto Acesso e Participação, identificou-se a percepção sobre o acesso e participação dos estudantes nas atividades de extensão e verificou-se a participação dos professores em eventos internos e externos que abordem a temática. Na tabela 1, apresenta-se a percepção dos estudantes referente ao acesso e participação, em que se observa que poucas vezes a igualdade no acesso às ações de extensão é percebida, o que demonstra a necessidade de padrões de seleção na IES estudada. Quanto à participação em eventos e cursos, percebe-se que os estudantes não participam frequentemente de outras práticas extensionistas. Esse achado corrobora os resultados de Barbosa (2012), em que a autora também observou que os estudantes participam pouco de outras atividades de extensão.

Tabela 1 – Percepção dos estudantes quanto ao acesso e à participação

Questão	Média	Desvio- Padrão
2) Você frequenta(ou) espaços de cultura, ciência e tecnologia que desenvolvem atividades de extensão na universidade?	2,80	1,000
5) Você participa(ou) dos eventos de extensão da universidade?	2,94	0,853
6) Você participa(ou) de cursos de extensão da universidade?	2,44	1,142
12) Você concorda que nas ações de extensão existe igualdade de acesso para a participação dos graduandos?	2,94	0,998

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Considerando a média geral desse construto, pode-se deduzir que o acesso e a participação dos estudantes nas atividades de extensão da IES estudada pela percepção dos próprios estudantes precisam ser melhorados. A IES deve realizar ações que os estimulem a participar dessas atividades, visando uma formação mais integral. Destaca-se que a participação em atividades extensionistas propicia aos estudantes maior satisfação com o curso, desenvolvimento de habilidades, facilidade nos relacionamentos interpessoais e aprimoramento de valores altruísticos (FIOR, 2003).

Referente à percepção dos professores quanto ao acesso dos estudantes nas atividades de extensão da IES estudada e em relação à participação dos próprios professores em eventos que abordem a extensão comunitária, apresenta-se a tabela 2.

Tabela 2 – Percepção dos professores quanto ao acesso e à participação

Questão	Média	Desvio- Padrão
2) Na sua percepção, nas ações de extensão existe igualdade de acesso para a participação dos graduandos?	3,27	0,750
7) Na sua percepção, os alunos têm acesso ao setor de extensão da universidade?	2,81	0,807
9) Você participa de eventos externos sobre extensão?	2,82	0,800

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Verifica-se que na percepção dos professores frequentemente há igualdade quanto ao acesso dos estudantes nas atividades de extensão. Em relação ao acesso ao setor de extensão,

obteve-se uma média menor que 3, que pode estar relacionada ao fato de o setor estar fisicamente em um único campus da instituição estudada, o que impossibilita aos estudantes de outros campi terem um acesso imediato e fácil. Quanto à participação dos professores em eventos externos que tratem sobre a extensão comunitária, percebe-se que não é frequente. Entretanto, por estar entre os itens considerados como prioridade pelo FORPROEX, assim como a participação dos estudantes nas ações, deve ser repensado pela IES em estudo.

No construto Comunicação e Informação, analisou-se o conhecimento dos estudantes quanto às atividades de extensão desenvolvidas e suas diretrizes; o conhecimento dos professores quanto às políticas de extensão nacional e suas diretrizes; a comunicação entre os projetos de extensão desenvolvidos; e o repasse de informações sobre extensão na IES. Conforme os resultados na tabela 3, nem todos os estudantes conhecem as diretrizes da extensão. Porém, essa informação é importante para avaliação e aprimoramento das práticas extensionistas, sendo necessário que os alunos tomem conhecimento sobre elas.

Tabela 3 – Percepção dos estudantes quanto à comunicação e informação

Questão	Média	Desvio- Padrão
3) Você conhece(u) os espaços sociais mantidos pela universidade?	2,31	0,953
4) Você fica sabendo das atividades de extensão que são realizadas pela universidade?	2,76	0,813
7) Você conhece(u) alguma atividade de prestação de serviço de extensão desenvolvida na universidade?	2,98	0,947
8) Você recebeu informações sobre a extensão quando ingressou na universidade?	2,38	1,105
9) Você já foi informado sobre os programas ou projetos de extensão desenvolvidos na universidade?	2,89	0,935
10) Você conhece os projetos de extensão do seu campus?	2,83	0,844
11) Você conhece os projetos de extensão do seu curso?	3,15	0,991
13) Você recebe(u) informações dos professores sobre a extensão universitária?	2,64	0,900
14) Você busca(ou) informações no setor de extensão da universidade?	2,28	1,070
15) Você conhece as diretrizes da extensão universitária?	2,15	0,931
16) As informações sobre a extensão universitária na universidade atendem às suas necessidades?	2,70	0,890

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Observa-se que na percepção dos estudantes, as comunicações e informações não atendem às suas necessidades (2,70), pois são poucas as informações recebidas, em especial, no ingresso na universidade, em que a média foi 2,38. Os professores repassam poucas informações (2,64) e os estudantes apresentam pouca proatividade na busca de informações (2,28). Nesse sentido, faz-se necessária a realização de ações para aprimorar a comunicação, pois os ingressantes não possuem base para o exercício de práticas informacionais e as IES precisam pensar em estratégias que promovam o repasse adequado das informações (DUARTE *et al.*, 2013). Pondera-se que os atos de comunicação não são sempre positivos e respondidos, é preciso analisar diversos aspectos, sejam eles relacionados ao contexto ou às características internas para a eficiência do processo comunicativo (KUNSCH, 2006).

No que tange à integração dos projetos de extensão, percebe-se que os estudantes têm conhecimento dos projetos vinculados ao seu curso (3,15), mas não se verifica a mesma integração (2,83) no que se refere aos projetos desenvolvidos por outros cursos em seu *campus*. Entretanto, considerando a multidisciplinariedade das ações e a relevância da integração dos cursos para maior aprendizagem dos estudantes, é necessário esse contato entre os projetos. Sobre o(s) tipo(s) de ação(ões) de extensão da IES que os estudantes conhecem, verificou-se que 53,61% conhecem eventos de extensão; 44,85% conhecem cursos de extensão; 40,21% conhecem prestações de serviços; e 32,99% conhecem programas de extensão.

No estudo de Floriano *et al.* (2017) também se identificou que as informações repassadas para os respondentes sobre a extensão comunitária não eram suficientes, por isso os autores enfatizaram que as atividades precisam ser fomentadas e debatidas no interior das salas de aula, com o intuito de que se amplie o número de estudantes que recebem as informações e que percebem a importância da extensão para a IES. Todo processo precisa ser planejado e controlado, para que a transmissão de informação ocorra de maneira adequada, apresentando-a ao público em momento oportuno (MARINHO, 2004).

No que se refere à análise da percepção dos professores quanto à comunicação e informação, assim como os estudantes, os professores percebem que o repasse de informações no ingresso não ocorre frequentemente e que há uma maior integração nos projetos de extensão do mesmo curso do que nos projetos de extensão do mesmo *campus*, conforme a tabela 4.

Tabela 4 – Percepção dos professores quanto à comunicação e informação

Questão	Média	Desvio- Padrão
3) Na sua percepção, os alunos recebem informações sobre a extensão quando ingressam na universidade?	2,73	0,750
4) Na sua percepção, ocorre integração entre os projetos de extensão do mesmo campus?	2,29	0,755
5) Na sua percepção, ocorre integração entre os projetos de extensão do mesmo curso?	2,56	0,842
6) Na sua percepção, os alunos têm conhecimento do setor de extensão da universidade?	2,32	0,647
8) Na sua percepção, os alunos têm conhecimento sobre programas ou projetos de extensão desenvolvidos na universidade?	2,47	0,620

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Ainda sobre o construto Comunicação e Informação, 70,97% dos professores afirmaram ter conhecimento do Plano Nacional de Extensão Universitária; 79,03% afirmaram conhecer o ForExt; 54,84% conhecem as contribuições do ForExt quanto às práticas extensionistas; e, por fim, 54,84% afirmaram conhecer as diretrizes de extensão do FORPROEX. Assim, verifica-se que parte considerável dos professores não conhece as contribuições do ForExt apesar de a universidade estudada estar vinculada ao Fórum. Também se constata que 45,16% dos professores não conhecem as diretrizes do FORPROEX, o que demonstra a necessidade do repasse de informações não apenas aos estudantes, mas também aos professores.

No construto Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, conforme a tabela 5, observa-se que os estudantes e professores percebem nas ações dos projetos de extensão em que atuam uma articulação com o ensino e a pesquisa. Também verificam que as ações cooperaram com o processo de ensino-aprendizagem e a participação em produções científicas. Entretanto, de acordo com os professores, a relação com a pesquisa ainda precisa ser mais contínua.

Tabela 5 – Percepção dos estudantes e professores quanto à Indissociabilidade

Questão	Estudantes		Professores	
	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
18) Estão articuladas com a pesquisa.	3,14	0,833	2,90	0,882
19) Estão articuladas com o ensino.	3,37	0,765	3,31	0,737
20) Contribui(u) para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.	3,68	0,560	3,65	0,630
22) Promovem metodologias participativas.	3,44	0,705	3,45	0,645
37) Proporciona(ou) participar de produções científicas.	3,23	0,935	3,19	0,807

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Estudos anteriores, como o de Barbosa (2012), Biondi e Alves (2013), e Floriano *et al.* (2017) também constataram que os respondentes percebem características de indissociabilidade nas práticas extensionistas. Salienta-se que a extensão, em conjunto com o ensino e a pesquisa, visa a melhoria na qualidade da educação superior (FUENTES, 2016). As três atividades relacionam-se, ampliam, aprimoram e realimentam, elas são os pilares das universidades e, quando articuladas, propiciam uma formação integral dos estudantes e uma atuação efetiva da IES na comunidade em que atua (FLORIANO *et al.*, 2017).

No construto Impacto e Transformação Social, verificou-se que apenas a questão sobre a apresentação de estratégias de continuidade pela comunidade ao término do projeto apresentou uma média menor que 3, conforme a tabela 6. Enfatiza-se que as relações de dependência são construídas por projetos com ações esporádicas que visam a “resolução imediata e paliativa de problemas sociais, sem discussão prévia dos fatores que provocam desigualdades sociais, nem incentivo a formas de intervenção organizada” (JEZINE, 2004, p. 4). Diante disso, os projetos de extensão precisam buscar metodologias que favoreçam o potencial da comunidade, evitando a construção de relações de dependência.

Tabela 6 – Percepção dos estudantes e professores quanto ao Impacto e à Transformação Social

Questão	Estudantes		Professores	
	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
25) Contribuem para a transformação e impacto social da comunidade local.	3,43	0,689	3,48	0,593
26) Contribuem para a superação de desigualdades e exclusão social.	3,29	0,781	3,21	0,813
27) Contribuem para o desenvolvimento social e regional.	3,27	0,748	3,32	0,696
28) Contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas.	3,05	0,915	3,13	0,859
29) Apresentam estratégias de continuidade pela comunidade ao término do projeto.	2,99	0,870	2,94	0,744

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

De acordo com a tabela 6, as demais questões apresentaram médias acima de 3, assim, entende-se que os estudantes e professores percebem o Impacto e a Transformação Social a partir das ações dos projetos de extensão em que atuam. Nessa diretriz, ao impactar e transformar o meio social em que a IES se insere, os projetos de extensão demonstram-se promissores (ARROYO; ROCHA, 2010) e reafirmam a extensão comunitária como uma ferramenta transformadora orientada às necessidades sociais (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012).

Sobre o construto Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, apresentado na tabela 7, verificou-se que os estudantes e professores participantes dos projetos de extensão da IES percebem nas ações em que atuam a articulação de diferentes áreas do conhecimento e a relação mútua de organizações e pessoas. Estudos anteriores, como o de Barbosa (2012) e o de Floriano *et al.* (2017) também verificam que na percepção de seus respondentes as ações de extensão desenvolvidas permitem essa interdisciplinaridade.

Tabela 7 – Percepção dos estudantes e professores quanto à Interdisciplinaridade

Questão	Estudantes		Professores	
	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
23) Propiciam a articulação de saberes entre diferentes áreas do conhecimento.	3,38	0,739	3,37	0,659
24) Contribuem para relação mútua de organizações e pessoas por meio de metodologias, modelos e conceitos.	3,26	0,724	3,27	0,728

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Nas práticas extensionistas, os sujeitos vivenciam um processo de aprendizagem que possibilita a produção de conhecimentos interdisciplinares por meio do contato com a realidade social (SANTOS, 2012), na qual encontram oportunidade de elaboração de praxis de um conhecimento teórico (SOUSA; BASTOS, 2016). A interdisciplinaridade apresenta-se como um meio de contextualizar a realidade social, mediante um debate nos diferentes campos científicos, rompendo os modelos de conhecimento fragmentados (SANTOS; SILVA, 2017).

No construto Interação Dialógica, conforme se apresenta na tabela 8, observa-se que os estudantes e professores percebem nas ações dos projetos de extensão em que atuam a democratização do conhecimento, troca contínua dos saberes entre universidade e sociedade e cooperação interinstitucional.

Tabela 8 – Percepção dos estudantes e professores quanto à Interação Dialógica

Questão	Estudantes		Professores	
	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
21) Contribuem para a democratização do conhecimento na comunidade local.	3,50	0,654	3,60	0,527
30) Contribuem para a troca de saberes entre a universidade e outros setores da sociedade.	3,34	0,767	3,45	0,563
31) Priorizam a cooperação interinstitucional.	3,07	0,840	3,23	0,777

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Estudos anteriores, como o de Barbosa (2012), Abdala e Montemor (2016), Santos, Rocha e Passaglio (2016) e Floriano *et al.* (2017) também observam que as práticas extensionistas permitem a troca recíproca de conhecimentos. Essas práticas propiciam interações entre os atores nos diferentes setores sociais, concebem novos conhecimentos e novas experiências aos sujeitos envolvidos (CARVALHO *et al.*, 2016).

Quanto ao construto Impacto na Formação do Discente, conforme a tabela 9, observou-se que os estudantes e professores percebem que as ações dos projetos em que atuam contribuem para um melhor desempenho acadêmico, inserção profissional, desenvolvimento pessoal, exercício de cidadania, busca de aprendizagens novas e mais integradas, e formação integral conciliando teoria e prática.

Tabela 9 – Percepção dos estudantes e professores quanto ao Impacto na Formação do Discente

Questão	Estudantes		Professores	
	Média	Desvio- Padrão	Média	Desvio- Padrão
32) Contribui(u) para um melhor desempenho acadêmico.	3,57	0,666	3,53	0,620
33) Contribui(u) para a inserção profissional.	3,47	0,728	3,44	0,692
34) Contribui(u) para o desenvolvimento pessoal	3,76	0,517	3,74	0,441
35) Contribui(u) para o exercício da sua cidadania.	3,61	0,620	3,77	0,422
36) Motiva(ou) a busca de aprendizagens novas e mais integradas?	3,64	0,596	3,60	0,557
38) Contribui(u) para uma formação integral conciliando teoria e prática.	3,45	0,734	3,52	0,620

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Nesse sentido, a vivência social promovida pela atividade de extensão possibilita o desenvolvimento de um aprendizado mais integral aos estudantes (CARVALHO *et al.*, 2016). Os achados de Arroyo e Rocha (2010); Barbosa (2012); Costa, Baiotto e Garces (2013); Araujo e Silva (2013); Almeida e Sá (2013); Silva, Ribeiro e Silva Júnior (2013); e Naves (2015) corroboram o resultado da pesquisa, pois os estudantes que participaram dos estudos também identificaram o impacto das atividades de extensão em sua formação.

Arroyo e Rocha (2010) verificaram que a atuação na extensão implica na formação de cidadãos mais engajados com a sociedade. Araujo e Silva (2013) indicaram como principais contribuições da extensão o exercício da cidadania, a compreensão do papel dos estudantes como cidadãos e o compromisso social. Costa, Baiotto e Garces (2013) percebem que o contato com a sociedade oportuniza a qualificação profissional, a atenção às mudanças sociais, o comprometimento com o meio, o desenvolvimento de habilidades, a convivência coletiva e a maior responsabilidade acadêmica e profissional.

Almeida e Sá (2013) demonstraram que as atividades extensionistas, mediante a experiência prática, capacitam e qualificam os estudantes para a inserção no mercado de trabalho. Silva, Ribeiro e Silva Júnior (2013, p. 379) apresentaram que na percepção dos estudantes a atuação na extensão oportunizou “mais liberdade para transitarem em espaços de relações multiprofissionais com criatividade, responsabilidade e autonomia.” Por fim, Naves (2015) constatou que a participação dos estudantes propicia a aquisição de habilidades e competências, como o desenvolvimento de autonomia, criatividade, capacidade de trabalhar em grupo, de lidar com a complexidade humana e trabalhar com a diversidade.

Por fim, no construto Orientação e Acompanhamento, analisou-se a percepção dos estudantes e professores quanto à orientação e ao acompanhamento dos estudantes. Na percepção dos alunos, conforme a tabela 10, percebe-se que os estudantes recebem orientação e acompanhamento dos professores coordenadores dos projetos de extensão em que atuam.

Tabela 10 – Percepção dos estudantes e professores quanto à orientação e ao acompanhamento

Questão	Média	Desvio-Padrão
Estudantes		
39) Recebe(ou) acompanhamento pedagógico do coordenador ou outro membro da equipe.	3,37	0,843
40) Colabora(ou) nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão	3,34	0,782
Professores		
36) Proporciona(ou) acompanhamento pedagógico ao discente extensionista do projeto?	3,40	0,639
37) Introduz(iu) o discente nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão?	3,39	0,636

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Já sobre a percepção dos professores quanto à orientação e ao acompanhamento, verifica-se que os professores proporcionam acompanhamento pedagógico aos estudantes extensionistas dos projetos e o introduzem nas atividades de planejamento e avaliação da ação de extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa apontaram a percepção de cada participante (estudantes e professores) perante o desenvolver e a participação em projetos de extensão, bem como a relação dos objetivos da extensão comunitária. Verificou-se que os estudantes percebem poucas vezes a igualdade no acesso das atividades de extensão, que não participam frequentemente de outras ações extensionistas e que os professores não participam frequentemente de eventos externos que tratem da temática. Também se observou que falta proatividade dos estudantes na busca de informações, faltam ações de comunicação sobre as práticas extensionistas na IES e falta integração entre projetos do mesmo campus. Nesse contexto, há uma necessidade de aprimorar os canais de comunicação para alcançar de maneira eficiente os atores universitários. Essa comunicação propiciará o conhecimento dos estudantes e professores quanto às atividades extensionistas que a instituição vem desenvolvendo, o que se espera que implique em uma maior participação desses atores e uma integração dos projetos de extensão.

Destaca-se ainda que os estudantes e professores observam, nos projetos de extensão em que atuam, as cinco diretrizes do FORPROEX: Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do Discente, e Impacto e Transformação Social. Mais especificamente, os atores notam nas ações dos projetos articulação com ensino e pesquisa, articulação de diferentes áreas do conhecimento, relação mútua de organizações e pessoas, democratização do conhecimento, troca de saberes acadêmicos e populares, e cooperação interinstitucional. Também percebem que as ações dos projetos contribuem para a transformação e impacto social da comunidade, superação de desigualdades e exclusão social, desenvolvimento social e regional, desenvolvimento de políticas públicas, melhor desempenho acadêmico, inserção profissional, desenvolvimento pessoal, exercício de cidadania, busca de aprendizagens novas e mais integradas, e formação integral dos estudantes, conciliando teoria e prática.

Em relação às limitações deste estudo, destaca-se que os achados se restringem à universidade estudada, portanto, não é possível a sua generalização. Como possibilidades de

pesquisas futuras, sugerem-se novos estudos em outras universidades com os construtos deste artigo. Propõe-se também a realização de pesquisas envolvendo os três atores – estudantes, professores e comunidade –, a partir de uma abordagem qualitativa para maior compreensão do problema pesquisado. Sugere-se ainda a incorporação de novas dimensões de análise para a exploração da relação do estudante e professor com a comunidade. Além disso, evidencia-se a importância de avaliar a questão cultural de cada região da universidade e as particularidades das comunidades envolvidas nos projetos de extensão.

Por fim, convém salientar que este trabalho procura contribuir para os estudos sobre extensão comunitária, tanto para preencher lacunas existentes na literatura quanto para estimular a práxis extensionista no ensino e na pesquisa. A prática da extensão nas IES precisa ter maior relação com o ensino e com a pesquisa e não ocorrer como uma atividade isolada, uma vez que a extensão visa também a inserção na formação do acadêmico. As IES precisam articular o tripé de forma contínua, pois, com essa relação, os professores e os estudantes assumem-se como sujeitos do ato de ensinar e aprender, relacionando teoria e prática, transmitindo o saber acadêmico-científico à comunidade e retornando esse saber à universidade, testado e reelaborado.

REFERÊNCIAS

ABDALA, R. D.; MONTEMOR, R. C. A extensão universitária em uma instituição de ensino superior do Vale do Paraíba: estudo de caso. **Educação, Cultura e Comunicação**, Lorena, v. 7, n. 13, p. 63-78, 2016. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/502/452>. Acesso em: 2 jul. 2021.

ALMEIDA, L. P.; SÁ, S. M. Formação profissional no século 21: reflexões sobre aprendizagens a partir da extensão universitária. *In*: SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 199-220.

ARAUJO, E.; SILVA, A. R. S. Educação e cidadania: pressupostos para o compromisso social. *In*: SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 151-165.

ARROYO, D. M. P.; ROCHA, M. S. P. M. L. Meta-avaliação de uma extensão universitária: estudo de caso. **Avaliação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 131-157, 2010. Doi: 10.1590/S1414-40772010000200008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/KTgP6wrJ6QDbJZyBNpsxYJd/?lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BARBOSA, V. C. **Extensão universitária**: proposição e validação de um instrumento de avaliação da percepção dos discentes. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Empresariais, Fundação Mineira de Educação e Cultura, Belo

Horizonte, 2012. Disponível em:
<http://www.fumec.br/anexos/cursos/mestrado/dissertacoes/completa/valeska-cristina-barbosa.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BARTNIK, F. M. P.; SILVA, I. M. Avaliação da ação extensionista em universidades católicas e comunitárias. **Avaliação**, Campinas, v. 14, n. 2, 2009. Doi: 10.1590/S1414-40772009000200010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/aval/a/7w9gsGTWnqLHvptgfLhCJZr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BIONDI, D.; ALVES, G. C. A extensão universitária na formação de estudantes do curso de Engenharia Florestal – UFPR. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 26, n. 1, p. 209-224, 2013. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3357/2013>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931**. Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferência, ao sistema universitário, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização técnica e administrativa das universidades é instituída no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Senado Federal, Rio de Janeiro, 1931. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasília, DF, 2001. Disponível em:
http://www.uemg.br/downloads/plano_nacional_de_extensao_universitaria. Acesso em: 3 out. 2017.

CARVALHO, C. M. R. G. *et al.* Contribuições de uma extensão universitária participativa: uma proposta de educação para a cidadania. **Extramuros**, Petrolina, v. 4, n. 2, p. 54-65, 2016. Disponível em:
<https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/875/635>. Acesso em: 2 jul. 2021.

CESAR, S. B. **A indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão e a gestão do conhecimento**: estudo em universidade brasileira. 2013. 44 f. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento) – Fundação Mineira de Educação e Cultura, Belo Horizonte, 2013.

COLLADO, D. M.; OLIVEIRA, N. C.; CARNEIRO, P. O. Extensão universitária e flexibilização curricular na UFMG. **Interfaces**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 4-26, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18951>. Acesso em: 2 jul. 2021.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

COSTA, A. A. C.; BAIOTTO, C. R.; GARCES, S. B. B. G. Aprendizagem: o olhar da extensão. *In: SÍVERES, L. (org.). A extensão universitária como princípio de aprendizagem*. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 61-77.

COSTA-RENDERS, E. C.; SILVA, L. D. A extensão e o alargamento do espaço de ensino-aprendizagem na educação superior. *In: SÍVERES, L. (org.). A extensão universitária como princípio de aprendizagem*. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 81-91.

CRUZ, B. P. A. *et al.* Extensão universitária e responsabilidade social: 20 anos de experiência de uma instituição de ensino superior. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 3-16, set./dez. 2011. Doi: 10.24857/rgsa.v5i3.450. Disponível em: https://rgsa.emnuvens.com.br/rgsa/article/view/450/pdf_34. Acesso em: 2 jul. 2021.

DIAS, A. M. I. Discutindo caminhos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, Cristalina, v. 1, n. 1, p. 37-52, 2009.

DUARTE, E. N. *et al.* Comportamento e competência em informação: uma experiência de extensão universitária. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 553-575, 2013. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/859>. Acesso em: 2 jul. 2021.

FELIPPE, W. C. (org.) *et al.* **Extensão nas Instituições Comunitárias de Ensino Superior**: referenciais para a construção de uma política nacional de extensão nas ICES. Itajaí: Editora Univali, 2013. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20150309182334.pdf. Acesso em: 11 dez. 2016.

FIOR, C. A. **Contribuições das atividades não obrigatórias na formação universitária**. 2003. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <http://www.bdae.org.br:8080/bitstream/123456789/1113/1/tese.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.

FLORIANO, M. D. P. *et al.* Extensão universitária: a percepção de acadêmicos de uma universidade federal do estado do Rio Grande do Sul. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 9-35, 2017. Doi: 10.14393/REE-v16n12017_art01. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/38043/pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016.

FREIRE, S. M. Desafios da extensão universitária na contemporaneidade. **Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 8-15, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514151725002>. Acesso em: 2 jul. 2021.

FUENTES, S. La extensión universitaria en Buenos Aires: legitimidades y transformaciones recientes. **Ciencia, Docencia y Tecnología**, Entre Ríos, v. 27, n. 53, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/145/14548520010.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.

GÁMEZ, F. La dimensión social: un proceso sinérgico en la interacción universidad-comunidad a través de la función de extensión. **Investigación y Postgrado**, Caracas, v. 30, n. 1, p. 103-123, 2015. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-00872015000100006. Acesso em: 2 jul. 2021.

GONZATTI, S. E. M.; DULLIUS, M. M.; QUARTIERI, M. T. O potencial da extensão para a formação profissional. In: SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 223-241.

GURGEL, R. M. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação?** São Paulo: Cortez, 1986.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2016.

KUNSCH, M. K. Comunicação organizacional: conceitos e dimensões dos estudos e das práticas. In: MARCHIORI, M. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. São Caetano do Sul: Difusão, 2006. p. 167-190.

MARINHO, S. Comunicação informal nas organizações: um estudo de caso em I&D. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 7., 2004, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: ALAIC, 2004. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/2728>. Acesso em: 2 jul. 2021.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATOS, M. L. **Análise da evolução da extensão da Universidade Federal de Santa Catarina no período de 1997 a 2003**. 2004. 179 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88093>. Acesso em: 2 jul. 2021.

MELO NETO, J. F. **Extensão universitária: uma análise crítica**. João Pessoa: EdUFPB, 2001.

NAVES, E. T. Fazer-saber: reflexões sobre a função acadêmica da extensão universitária. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 9-29, 2015. Doi: 10.14393/REE-v14n12015_art01. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/28113/pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/60/89>. Acesso em: 2 jul. 2021.

ORDAZ HERNÁNDEZ, M. La educación de habilidades sociales desde la Extensión Universitaria: propuesta de acciones. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 50, p. 269-283, 2013.

Doi: 10.1590/S0104-40602013000400017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/L7Yc6hLVF5ZBFyDQCnN5mzz/?lang=es>. Acesso em: 2 jul. 2021.

ORTIZ-RIAGA, M. C.; MORALES-RUBIANO, M. E. La extensión universitaria en América Latina: concepciones y tendencias. **Educación y Educadores**, Cundinamarca, v. 14, n. 2, p. 349-366, 2011. Doi: 10.5294/edu.2011.14.2.6. Disponível em:
<https://educacionyeducadores.unisabana.edu.co/index.php/eye/article/view/1928/2483>. Acesso em: 2 jul. 2021.

RAYS, O. A. Ensino-pesquisa-extensão: notas para pensar a indissociabilidade. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 71-85, 2003. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5034/3051>. Acesso em: 2 jul. 2021.

RIBEIRO, M. R. F.; PONTES, V. M. A.; SILVA, E. A. A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica: desafios e perspectivas. **Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 52-65, 2017. Doi: 10.5212/Rev.Conexao.v.13.i1.0004. Disponível em:
<https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/9097/5506>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SANABRIA-RANGEL, P. E.; MORALES-RUBIANO, M. E.; ORTIZ-RIAGA, C. Interacción universidad y entorno: marco para el emprendimiento. **Educación y Educadores**, Cundinamarca, v. 18, n. 1, p. 111-134, 2015. Doi: 10.5294/edu.2015.18.1.7. Disponível em:
http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-12942015000100007&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 2 jul. 2021.

SANTOS, A. S.; SILVA, G. S. Interdisciplinaridade no ensino superior: desafios e diálogos na educação. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 5-16, 2017. Doi: 10.23899/relacult.v3i1.370. Disponível em:
<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/370/193>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SANTOS, J. H. S.; ROCHA, B. F.; PASSAGLIO, K. T. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016. Doi: 10.36661/2358-0399.2016v7i1.3087. Disponível em:
<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087/pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SANTOS, M. P. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 154-163, 2012. Disponível em:
<https://revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/4547/3091>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SILVA, A. F. L.; RIBEIRO, C. D. M.; SILVA JÚNIOR, A. G. Pensando extensão universitária como campo de formação em saúde: uma experiência na Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 17, n. 45, p. 371-84, 2013. Doi: 10.1590/S1414-32832013000200010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/WHny33PzxV6bWNgrgMmxvPB/?lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SILVA, E. W. Fortalecendo a cultura cidadã dos estudantes – um dos papéis da extensão na Universidade. In: SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 109-129.

SILVA, F. M. *et al.* Compromisso social e extensão: a prática da Universidade Federal de Santa Catarina. **Alcance**, Biguaçu, v. 21, n. 1, p. 77-97, 2014. Doi: 10.14210/alcance.v21n1.p077-097. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/32046/compromisso-social-e-extensao--a-pratica-da-universidade-federal-de-santa-catarina>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SILVA, M. S.; VASCONCELOS, S. D. Extensão universitária e formação profissional: avaliação da experiência das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 119-136, 2006. Doi: 10.18222/ae173320062130. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/ae/article/view/2130/2087>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SÍVERES, L. O princípio da aprendizagem na extensão universitária. In: SÍVERES, L. (org.). **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. p. 19-31.

SOUSA, A. L. L. **A história da extensão universitária a partir de seus interlocutores**. 1995. 365 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1995. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/6/o/Dissert_-_Ana_Luiza_Lima_Sousa.pdf. Acesso em: 2 jul. 2021.

SOUSA, A. L. L. **A história da extensão universitária**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2010.

SOUSA, I. F.; BASTOS, P. R. H. O. Interdisciplinaridade e formação na área de farmácia. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 97-117, 2016. Doi: 10.1590/1981-7746-sip00092. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/7GBdr5bM6bTL9rwwC5Xy7kv/?lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2021.

SOUZA, L. A. P. **Extensão universitária: institucionalidade e compromisso social**. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2172>. Acesso em: 2 jul. 2021.

TORRES JÚNIOR, N.; SILVEIRA, R. I. M. Reflexões acerca do melhoramento contínuo da qualidade em serviços de extensão universitária: um estudo de caso em um programa educativo de rádio universitário. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, São Bernardo do Campo, v. 7, n. 1, p. 1466-1491, 2016. Doi: 10.15603/2177-7284/regs.v7n1p1466-1491. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/REGS/article/view/6330/5222>. Acesso em: 2 jul. 2021.

VELLOSO, M. P. *et al.* Interdisciplinaridade e formação na área de saúde coletiva. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 257-271, 2016. Doi: 10.1590/1981-7746-sip00097. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/FNhz8GtKKf5Z5z8cZzYgz4w/?lang=pt>. Acesso em: 2 jul. 2021.

Submetido em 15 de março de 2021.

Aprovado em 15 de junho de 2021.